

Entre o fim e o princípio: a existência* Ser não ser, eis a questão!

Érica Quinágua Silva¹
Université Rene Descartes

A noção de sujeito perpassa diferentes campos disciplinares e evoca, no interior desses campos, a partir de vertentes diversas, reflexão e problematização. Perquirir as distintas genealogias do sujeito moderno-contemporâneo é mister para desontologizar tal noção, amiúde considerada completa, definitiva e imutável. É precisamente essa indivisibilidade que pretendo aqui desconstruir.

Optando pelo ensaio como forma², penso em fragmentos – de teorias de diferentes autores e campos – que se comunicam. Suponho a multivocalidade, a heteroglossia bakhtiniana, de múltiplas, por vezes dissonantes, vozes que não se excluem, mas sim têm interseções umas com as outras.

Nas entrelinhas de tal perquirição, encaro a morte – nas dimensões social, psíquica e física – como alteridade para se pensar o outro como constituinte do eu. Entre o (ser) linear, fixo e acabado, irrompe o espaço vazio (do não ser) que, no entanto, se lhe opõe e o constitui. A morte – o outro absoluto do ser³ – aparece como limite-liame que extingue ao mesmo tempo em que possibilita a vida.

Como sustenta Georg Simmel (1918, 1998), a morte descola a vida de seus conteúdos e dá forma a ela. “O segredo da forma está em que ela é uma fronteira; ela é a coisa em si e ao mesmo tempo o concluir da coisa, a área [*Bezirk*] em que ser e não-mais-ser da coisa formam unidade” (apud FERREIRA, 2000). É apesar e a partir da convicção fatalista – a inevitabilidade da morte – que advém a possibilidade da vida.

A despeito da concepção comum que dissocia a vida da morte, resguardando àquela a positividade, Simmel entende que a existência insurge de ambas, imbricadas. Mesmo este elemento que, isolado, é perturbador e destrutivo, ocupa o lugar que lhe é reservado. Presença da ausência. Como sustenta Claude Lévi-Strauss,

* Between the end and principle: the existence

¹ Doutora em Sociologia. Université Rene Descartes. Endereço para correspondências: Université Rene Descartes, Paris V, Sorbonne, França (equinaglia@yahoo.com.br).

² A respeito do ensaio como forma em Georg Simmel, referência basilar para o que aqui escrevo, ver Waizbort (2000). Movimento, subjetividade e experiência compõem a constelação do ensaio para esse autor. O ensaio está sempre a arriscar, a escavar, a buscar novas perspectivas. Ensaiar é aventurar-se. É fantasiar. O ensaio é, portanto, o processo de atribuir sentido, que, no entanto, nunca se cristaliza como verdade última e imutável, mas está sempre aberto ao movimento que é próprio da vida.

³ Conferir Bauman 1992.

[...] tout se passe, en vérité, comme si culture et société surgissaient chez les êtres vivants comme deux réponses complémentaires au problème de la mort: la société, pour empêcher l'animal de savoir qu'il est mortel, la culture comme une réaction de l'homme à la conscience qu'il l'est (LÉVI-STRAUSS, 1984).

Por sua vez, Edgar Morin (1997) assevera que a sociedade e a cultura existem não apenas apesar da morte e contra a morte, como também pela morte, com a morte e na morte. Finalmente, de acordo com Zygmunt Bauman:

[...] it is because we know that we must die that we are so busy making life. It is because we are aware of mortality that we preserve the past and create the future. Mortality is ours without asking – but immortality is something we must build ourselves. Immortality is not a mere absence of death; it is defiance and denial of death. [...] There would be no immortality without mortality. Without mortality, no history, no culture – no humanity (BAUMAN, 1992).

A morte é, pois, encarada como fim – não somente como final, como também como finalidade – da vida.

A temática da morte está, por sua vez, atrelada à noção de sujeito. Percorrer algumas das teorias a respeito dessa noção é, portanto, fundamental para a investigação de tal temática.

O sujeito é construído simbolicamente, social e historicamente. A noção que lhe adjetiva como uno e indivisível não se sustenta. Se estilhaça. Despontam regimes de subjetivação. Restam pulsos de vida. Vontade de potência.⁴

São esses modos de subjetivação que Michel Foucault (1990, 1995) apresenta.⁵ Esse autor introduz uma nova dimensão da subjetividade, derivada, mas distinta, do poder e do saber: o duplo. O duplo como o lado de dentro do lado de fora. Não é um desdobramento do Um, mas uma reduplicação do Outro.

⁴ Sobre a vontade de potência ou vontade de poder, ler Nietzsche 2001. Volker Gerhardt discorre a respeito da vontade de poder ou, como sugere, vontade de felicidade em Nietzsche. De acordo com o autor, o conceito assume significados diversos: de impulso interior criador (cuja eficácia assenta na unidade de corpo e consciência) a possibilidade real e ação social (subvertendo o dualismo do mundo “interior” e “exterior”). A fórmula da vontade de poder é, pois, expressão da tentativa de fundar de novo a relação do homem com o mundo, de reconstituir, a partir da visão de uma totalidade da experiência humana, a “harmonia de vida, pensamento, aparências e vontade”. Sobre esse assunto, ver Heidegger (1984).

⁵ As considerações a respeito desse autor têm como referência fundamental a obra de Deleuze (1988).

Não é uma reprodução do Mesmo, mas uma repetição do Diferente. Ou seja, não se trata da emanação de um Eu, mas da instituição da imanência de um sempre-outro, ou de um Não-eu. Eu me vejo como o duplo do outro – eu encontro o outro em mim. A morte ou as dobras da memória são os dois caminhos do duplo.

Foucault volta aos gregos para mostrar que o que decorre, então, é uma relação da força consigo, um poder de se afetar a si mesmo, um *afeto* de si por si. Essa relação, a subjetivação, por sua vez, se reintegra naqueles sistemas – de poder e de saber – de que derivou. E se metamorfoseia. A subjetivação, esse afeto de si para consigo, se faz, assim, por dobras. Dobras variáveis, que operam “por sob os códigos e regras” do saber e do poder, juntando-se a eles, desdobrando-se e fazendo(-se) outras dobraduras. Desse(s) modo(s), o sujeito se (re)faz constantemente.

O fora constituindo por si mesmo um dentro coextensivo (re)encontra a vontade de potência para descobrir esse lado de fora como limite a partir do qual o ser se dobra. A vida nas dobras. Como mostra Gilles Deleuze (1988), a história foucaultiana é uma história entregue a Nietzsche, ou à vida. A forma-Homem se constitui nas dobras da finitude – ela coloca a morte dentro do homem.

Tendo o homem aprisionado a vida, o super-homem nietzscheano a libera dentro do próprio homem. As forças do homem entram, então, em relação com um finito-ilimitado, uma superdobra, o eterno retorno.

Como sugere Judith Butler (1997, 1998), a partir de Foucault, embora ele não o tenha feito, é possível dialogar com a psicanálise. O deslocamento da investigação para o psíquico faz-se profícuo para a problematização dessa teoria do sujeito abarcada – pela consideração de um sujeito outro, não somente não substancial, como também não cartesiano (que pensa, logo existe – centrado, portanto, na percepção-consciência) – e, assim, para a reconsideração do social, que ao psíquico, precisamente na psicanálise freudiana e lacaniana, está atrelado.

Ora, a psicanálise é também eloqüente em evidenciar a ficção da unicidade do indivíduo. É o sujeito psi relacional – constitui-se no outro, pelo outro e a partir do outro.

O estádio do espelho sobre o qual discorre Jacques Lacan (1966) marca a passagem do imaginário para o simbólico. Antes mesmo que a linguagem como Outro restitua ao Eu sua função de sujeito, o eu como imagem virtual que inverte a realidade se precipita dividido – corpo despedaçado – eu constituído pelo outro, que sou eu, como duplo de mim mesmo.⁶

⁶ A tradução Eu e eu, com maiúscula e minúscula, versa a distinção feita por Lacan entre o Eu (je, em francês), sujeito do inconsciente, e o eu (moi, em francês), pronome pessoal da primeira pessoa que pode ocupar qualquer função e que, na versão francesa, aparece das instâncias da segunda tópica de Freud – eu, supereu e isso (moi, surmoi e ça, em francês) (LACAN, 1966).

Do Eu especular para o Eu social, o eu da segunda tópica freudiana, não mais plenamente consciente, constitui-se pelo Outro, o grande Outro lacaniano com “o” maiúsculo. Enlaça-se o sujeito ao social. O inconsciente, como discurso do Outro, constitui o sujeito. Subverte, portanto, a dicotomia indivíduo-sociedade – é o sujeito barrado, fendido, dividido.

Alienado, o sujeito não é, ele é não-ser. Assujeita-se ao Outro. O primeiro vislumbre do sujeito é essa falta. Sujeito faltante. Complementar à alienação é a separação. O sujeito alienado confronta-se com o Outro, dessa vez não como linguagem, que flui por meio do discurso, mas como desejo. Tenta preencher, frustradamente, a falta do Outro. Sujeitos desejanter. Falta e desejo são, pois, coextensivos. Sobrevém à alienação e à separação uma separação adicional, a travessia da fantasia. O Eu nessa travessia assume o lugar do Outro e o desejo do Outro, não é mais assujeitado por ele ou fixado nele. Em outras palavras, subjetiva a causa de sua existência⁷. Essa existência, é fundamental, contudo, sublinhar, é sempre fugaz. O sujeito, como assevera Bruce Fink (1998), tem duas faces, o sujeito como precipitado e o sujeito como furo. Aquele é a sedimentação de sentidos – o sujeito alienado⁸ no e pelo Outro, que não passou pela separação adicional, a travessia da fantasia; este é o forjamento de ligações entre significantes – o sujeito como precipitação, não como precipitado, que assume a causa do desejo do Outro, a capacidade de desejar. Como furo, o sujeito é, portanto, capaz de assumir posições, sempre modificadas. E, assim, precipita(m) a(s) subjetividade(s). De acordo com Sigmund Freud (1997, 2003), o indivíduo deve tornar-se sujeito. Eu preciso subjetivar essa alteridade – o Outro como linguagem, o Outro como desejo.

De Lacan a Freud, e daí um retorno a Nietzsche e a Foucault, instiga inquirir: é possível pensar aquela nova dimensão da subjetividade como o *desejo*? Os pulsos que movimentam a vida como dança remetem a Eros e Tanatos, termos gregos para o amor e a morte, que designam na última teoria pulsional freudiana as pulsões⁹ originárias de vida e de morte. Imbricadas e ambivalentes, vida e morte como pulsões em eterna luta constituem o sujeito.

Como caminho do duplo alternativo à morte, transparecesse aqui a própria vida. A afirmação da vida reconhece a morte, mas nega-a como aniquilamento.

⁷ Há, portanto, três momentos constitutivos da subjetividade que podem ser descritos como três metáforas substitutivas (cujo(s) sentido(s) é (são), no entanto, processualmente construído(s)): a alienação é a dimensão em que o Outro toma o lugar do sujeito; a separação é a operação que envolve o confronto do sujeito alienado com o Outro como desejo, não como linguagem; e a travessia da fantasia é o movimento em que há assunção da causa do desejo pelo sujeito.

⁸ Após 1964, a idéia de separação desaparece da obra de Lacan. Nos Seminários 14 e 15, o termo “alienação” significa tanto a alienação quanto a separação.

⁹ Pulsão, na teoria psicanalítica, é definida como um conceito-limite entre o psiquismo e o somático. É um processo dinâmico que consiste numa força cujas fontes são portadoras constantes de um fluxo de excitação que movimenta o organismo. Consultar o livro de Laplanche e Pontalis 2001 para obter uma definição mais minuciosa. Ver Hanns (1999).

Freud sublinha que os fatos mostram, mesmo nos casos em que a tendência à destruição de outrem ou de si mesmo é mais manifesta, que pode estar sempre presente uma satisfação libidinal, satisfação sexual voltada para o objeto ou gozo narcísico. “Aquilo com que deparamos nunca são, por assim dizer, moções pulsionais puras, mas misturas de duas pulsões em proporções variadas” (apud LAPLANCHE & PONTALIS, 2001).

Mais uma vez e sempre fazemos a experiência de que as moções pulsionais, quando podemos traçar o seu percurso, revelam-se como ramificações do Eros. Se não fossem as considerações salientadas em *Além do Princípio de Prazer* e, por fim, as contribuições do sadismo para o Eros, ser-nos-ia difícil manter a nossa concepção dualista fundamental (apud LAPLANCHE & PONTALIS, 2001).

Também Luís Claudio Figueiredo afirma a insistência da vida nas operações da pulsão de morte, concordando com Ferenczi, citado por ele, que diz: “Nada além de instintos de vida. O instinto de morte, um erro (Pessimista)” (FIGUEREDO, 2003). A despeito da esperança de uma vitória de Eros sobre Tanatos, Freud interroga, contudo, “quem pode prever com que sucesso e com que resultado?” (FREUD, 1997).¹⁰

Como anteriormente apontado, a interlocução entre Foucault e a psicanálise é efetuada por Butler (1997, 1998). A subjetivação como processo de subordinação e formação do sujeito é também um postulado foucaultiano, que aquela autora retoma. O sujeito não é somente formado na subordinação; tal subordinação é a condição de possibilidade dele.

Em certo sentido, de acordo com a autora, o sujeito é constituído mediante exclusão e diferenciação, que são posteriormente escondidas pelo efeito da autonomia. A autonomia é, pois, a consequência de uma dependência negada pelo encobrimento do rompimento que a constitui. Dependência e rompimento precedem e condicionam a formação do sujeito. Ser não-ser consiste na subjetivação.

Para Simmel (1918, 1998), a vida enquanto fronteira, enquanto experiência liminar, in-surge como possibilidade derradeira do ser. O caráter transcendental da vida significa precisamente o reconhecimento e a transgressão do limite da morte. Como estar, entretanto, simultaneamente dentro e fora do limite?

Ser e não-ser são coextensivos – espacial e temporalmente. Habitar entre o dentro e o fora significa também situar-se entre o passado e o futuro. “[...] Apenas esses dois [o passado e o futuro] constituem tempo de alguma magnitude, quer dizer, tempo real. Mas como um não é mais e o outro ainda não é, a realidade adere apenas ao presente” (apud FEFFEIRA, 2000). O presente, por sua vez e por conseguinte, se estende para trás e para frente. É ele de fato transcendência, ou excesso: volta ao passado e espreita o futuro.

¹⁰ Para aprofundamento sobre as chamadas pulsões de morte e de vida, ver Fédida (1988), Figueiredo (2003) e Pontalis (1991). Ver também Laplanche e Pontalis (2001).

Transparece aqui a coalizão entre o desejo e a fruição. “[...] Todo prazer quer eternidade, uma profunda, profunda, profunda eternidade”, *assim falava Zaratustra*. Simmel afirma que é o fato de o desejo ser orientado para a sua satisfação que permite ser vislumbrada a possibilidade de felicidade (não se trata aqui da mesma vontade de potência ou de felicidade nietzscheana?).

Como já assinalado, é a despeito e a partir da convicção fatalista – a inevitabilidade da morte – que ad-vém a possibilidade da vida – a vida como êxtase, como potência de si mesma. Ir-rompe aqui a aventura¹¹ – a busca ininterrupta pela contingência, o processo ousado e intenso da experiência.

Na aventura [...] apostamos tudo justamente na chance flutuante, no destino e no que é impreciso, derrubamos a ponte atrás de nós, adentramos o nevoeiro, como se o caminho devesse nos conduzir sob quaisquer circunstâncias (SIMMEL, 1998b). É a aventura forma de experiência. E, como citado anteriormente, “o segredo da forma está em que ela é uma fronteira; ela é a coisa em si e ao mesmo tempo o concluir da coisa, a área [*Bezirk*] em que ser e não-mais-ser da coisa formam unidade” (apud FERREIRA, 2000). A aventura, destarte, ad-vém da relação conflituosa entre a vida e a morte. O conflito é condição da existência social, psíquica e física.

A aventura extrapola o contexto da vida... e penetra novamente nele – como trans-figuram os sonhos na memória. A aventura permite resgatar ainda uma dimensão artística. Ambas, aventura e arte, são *sentidas* como dis-junção de uma vida toda. Como declara Simmel,

Justamente porque a obra de arte e a aventura se opõem à vida (mesmo que nos mais distintos significados do oposto)¹², uma e outra são análogas à totalidade de uma vida, como é representado em um pequeno corte e na densidade da experiência do sonho (SIMMEL, 1998b).

Os perigos, os desafios, a ousadia e a conquista – a busca pelo inusitado e a intensidade da experiência que permitem sentir a vida – configuram a aventura. A morte traduz o desconhecido. E também a vida.

Simmel concebe, ainda e finalmente, a aventura como uma experiência erótica. Mais uma vez, subjaz a essa concepção a relação entre Eros e Tanatos. O êxtase culminante e cadente e a eternidade – a atitude romântica¹³ – permeiam tal experiência. A totalidade da vida é sentida num instante.¹⁴

¹¹ Ver “A aventura” de Simmel (1998b).

¹² No original aparece *Gegenüber*, que também pode significar “perante”, “estar diante de”.

¹³ De acordo com Georg Lukács, na *Teoria do romance*, o romance não é senão a luta contra o poder do tempo. Desse combate emergem a esperança e a reminiscência. “Qual é o sentido da vida?” é a pergunta em torno da qual se movimenta o romance. Para as possíveis respostas a ela, ver Benjamin (1994).

¹⁴ Sobre o Simmel, ver Ferreira (2000), Moraes (1983) e Waizbort (2000).

A morte descola a vida de seus conteúdos e dá forma a ela. Daí, ad-vém a possibilidade da aventura. É a morte, portanto, espaço não somente de extinção como também de significação.

O sujeito não é substância. Não é uno, indivisível, completo e acabado. Não é plenamente consciente. Não é. É o sujeito posição. Inter-relacional. A dicotomia indivíduo-sociedade já não faz sentido. Perpassar pelas diferentes reflexões e problematizações a respeito da noção de sujeito reverbera tal assertiva.

Relações que se constroem e constroem, processos de subjetivação. Isso faz sentido. É o sujeito vir-a-ser. Múltiplo, fragmentado, descentrado, o sujeito é não-é, coextensivamente.

Nesse universo de fronteiras que se rompem e de transgressões que irrompem, o limite-liame é interrupção e transcendência. A morte como alteridade significa o confim a despeito do qual e, contudo, a partir do qual a vida se constitui.

Ausência presente, esse outro – a morte social, psíquica e física – constitui o eu. Eu-outro. Vida-morte. Morte-vida. Inversão que é pertinente em mostrar ser tal coexistência espaço ambíguo – espaço de emergência, no duplo sentido: de cessação e de criação de possibilidades e sentidos.

A subjetividade como devir é não é. O sujeito nunca chega a ser. É sendo. Transparece nesse espaço liminar – *entre* o dentro e o fora (o dentro do fora?), entre o passado e o futuro, entre a vida e a morte.

O finito-ilimitado de que fala Deleuze, em referência a Nietzsche e a Foucault, reverbera aqui esse espaço de extinção e significação com que entram em relação as forças do homem. A vida pulsa. De acordo com a teoria psicanalítica, o desejo, como caminho, é um caminho limitado, mas infinito – uma vez atingido o limite, este se desloca mais adiante.¹⁵

Aqui o texto vislumbra o fora-do-texto como parte de si. É o outro constituinte do eu. É a morte constituinte da vida. Linhas e entrelinhas do sujeito em construção. Entre o fim e o princípio, ir-rompe a existência. Ser não ser, eis a questão que a metáfora do ensaio – infindo – desvela.

Referências bibliográficas

BAUMAN, Z. *Mortality, immortality and other life strategies*. Cambridge e Oxford: Polity Press e Blackwell Publishers, 1992.

BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BUTLER, J. Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do “pós-modernismo”. *Pagu*, 11: 11–42, 1998.

¹⁵ Ver Nasio (1993).

- BUTLER, J. *The psychic life of power*. Stanford: University Press, 1997.
- DELEUZE, G. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- FÉDIDA, P. *Clínica psicanalítica*. Estudos. São Paulo: Escuta, 1988.
- FERREIRA, J. Da vida ao tempo: Simmel e a construção da subjetividade no mundo moderno. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 44: 103–17, 2000.
- FIGUEIREDO, L.C. *Psicanálise – elementos para a clínica contemporânea*. São Paulo: Escuta, 2003.
- FINK, B. *O sujeito lacaniano*. Entre a linguagem e o gozo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- FOUCAULT, M. O Sujeito e o Poder. In: P. Rabinow & H. Dreyfus (Orgs.). *Michel Foucault, uma trajetória filosófica*. Pp. 231-49. São Paulo: Editora Forense Universitária, 1995.
- FOUCAULT, M. *Tecnologías del yo y otros textos afines*. Barcelona: Paidós, 1990.
- FREUD, S. *Além do princípio de prazer*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2003.
- FREUD, S. *O mal-estar na civilização*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1997.
- GERHARDT, V. Da vontade de Poder. Para a gênese e interpretação da filosofia do poder em Nietzsche”. In: A. Marques (Org.). *Friedrich Nietzsche: cem anos após o projecto “Vontade de poder – transmutação de todos os valores”*. Lisboa: Colecção Vega Universidade.
- HANNS, L.A. *A teoria pulsional na clínica de Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1999.
- HEIDEGGER, M. *Nietzsche – the eternal recurrence of the same*. Cambridge e Nova York: Harper & Row, Publishers, 1984.
- LACAN, J. Le stade du miroir comme formateur de la fonction du Je. In: J. Lacan (Org.). *Écrits*. Pp. 89-97. Paris: Ed. Du Seuil, 1966.
- LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J.-B. *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- LÉVI-STRAUSS, C. *Paroles Données*. Paris: Plon, 1984.
- MORAES, E. (Org.). *Simmel: Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983.

MORIN, E. *O homem e a morte*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

NASIO, J.-D. *Cinco lições sobre a teoria de Jacques Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

NIETZSCHE, F. *O anticristo*. São Paulo: Martin Claret, 2001.

NORTE, S.J.Q. *A vida que a morte cria: uma interpretação antropológica da percepção japonesa do fenômeno morte*. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de Brasília, 1994.

PONTALIS, J.B. *Perder de vista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

SIMMEL, G. *Sobre la individualidad y las formas sociales: escritos escogidos*. Quilmes: Universidad Nacional de Quilmes, 2003.

SIMMEL, G. *Política & Trabalho*. Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal da Paraíba, 1998.

SIMMEL, G. *Simmel e a modernidade*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

TENÓRIO, F. *Psicanálise, configuração individualista de valores e ética do social*. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, 2000.

WAIZBORT, L. *As aventuras de Georg Simmel*. São Paulo: Editora 34, 2000.